

Capítulo 04 | Memória Descritiva

4.1. Metodologia e conceito

O projecto da Faculdade de Arquitectura da Beira Interior entende-se como uma resposta apurada ao desafio de criação de uma solução para um contexto específico. Este contexto específico, moldado por um contexto global, deriva da época contemporânea em que vivemos, de carácter emergente, caracterizada por uma latente e justa necessidade de afirmação cultural.

Esta pertinência implica desafios crescentes incentivadores no crescimento e desenvolvimento, transmitindo responsabilidades e desafios regionais. Daí surge a necessidade de reutilização do património industrial para criar um equipamento educativo atraente e potenciador de dinâmicas sociais, oferecendo aos alunos, um sistema integrado nas suas dimensões ética, cultural, científica, artística, técnica e profissional, através da criação de um ambiente educativo adequado.

Este equipamento encontra posição numa estratégia de longo prazo, como peça chave na criação de um centro de cultura, contribuindo, não apenas para um presente lúdico, mas também, para a educação e formação de gerações futuras, despertando sensibilidades, novos olhares críticos e visões criativas.

A arquitectura deve portanto, ser uma base, como que um receptáculo, que torne possível a concretização dinâmica de todos estes conceitos e consequentemente esboçado na perspectiva de estreitar as relações culturais, tendo em conta factores de modernização e competitividade. Formação de um processo cultural; que possa recolher diferentes abordagens às artes e à cultura, com metodologias de abordagem expositiva diferenciadas, pessoal e especializado; potenciando capacidades, alargando possibilidades de iniciativas e simpatia do público-alvo.

A arquitectura, na sua concretização conceptual e formal, deve responder de forma precisa, imediata e funcional à necessidade de atracção de visitantes e criação de iniciativas, determinando assim uma relevância social.

Criação de um equipamento que interage directamente com o contexto das vidas dos utilizadores e cidadãos, que por sua vez reagem e interagem reciprocamente com a arquitectura.

A proposição deverá ser translúcida no seu organigrama funcional de forma a poder integrar e contribuir numa convivência diária de reconhecimento cultural.

Criação de uma organização adaptada, que sirva de fundamento urbano, caracterizador do local e da cidade, harmonizando-se como um elemento relevante, original, de carácter único e atraente, mas racional na sua implantação, respondendo de forma cuidadosa à realidade da envolvente.

A proposta apresenta aspectos de economia de escalas, na maneira como se articulam as áreas e respectivo programa, potenciando uma eficácia da gestão, rentabilizando recursos humanos nas áreas comuns, nomeadamente, na recepção e armazenamento, salas, serviço administrativos, biblioteca, bar, espaços exteriores, entre outros.

Analizamos o projecto com uma abordagem objectiva ao programa, necessidades e suas condicionantes. Esta existência pronuncia-se num conceito de um método de maximização funcional, conduzindo com sensatez todas as variáveis de projecto, sem, no entanto, esquecer a dinâmica e a poética que a arquitectura deve traduzir, completando-se numa fruição espacial de qualidade, inspirada pela temática do complexo, tentando materializar a poesia do gesto numa rigorosa concretização técnica e funcional.

A arquitectura que se pensou neste projecto adopta a ousadia, o carácter e a nobreza que um equipamento deste tipo merece. Com o entendimento claro da necessidade de uma resposta ética. Este conceito advém da responsabilidade do gesto, do pensamento e da concepção, que implica aliar todos os elementos e variáveis de forma racional e, mais uma vez, responsável.

A metodologia usada neste projecto não se baseia apenas na tipologia do edifício. Pretende, para além de uma resposta clara ao programa, aliar conceitos emergentes

e inovadores, fazendo com a que a arquitectura não seja apenas funcional, mas sim contemplada, sem perder a consciência do gesto.

Desenvolve-se uma abordagem ao programa como uma produção de elementos e ideias.

Como forma de esquematizar o sistema racional de concepção, afastou-se pela divisão dos elementos em partes essenciais, analisadas e processadas, que depois se juntaram harmoniosa e funcionalmente num todo uno e adaptado.

O edifício é assim uma recolha de peças independentes que se agrupam, criando um sistema claro, moldado pelas pressões urbanas, condicionantes tipológicas, realidades topográficas, necessidades de funcionamento, sendo estes elementos agrupados sobre uma rótula estratificada de relações internas.

Pretendeu-se um gesto que nos reporta para a monumentalidade mas que “foge”, ao mesmo tempo, da mera ideia de exaltação pela dimensão. Trata-se, afinal, de uma edificação de referência humana.

4.2. Programa e Funcionalidade

O edifício é um todo, alcançado pelo agrupamento de constituição de partes. Estas partes, entenda-se programa e tipologia, vão ditar a dimensão, volumetria, estratégias de localização da aproximação ao terreno:

- Entradas
- Circulação
- Serviços administrativos/Direcção
- Gabinetes
- Sala de aulas teóricas
- Sala de aulas práticas
- Biblioteca
- Auditório
- Áreas técnicas
- Instalações sanitárias
- Cafeteria-bar



Fig. 43 - Esquema conceptual do programa e funcionalidade

Organigrama Funcional

Os elementos de programa interagem em ligações organizacionais, das quais resulta o organigrama funcional, que se explana com clareza e que está na base de todo o desenho posterior.

Uma das principais mais valias do sistema organizacional apresentado é a sua lógica de distribuição apoiada num núcleo central.

Este elemento é a rótula que agrupa todas as funções. Ao concentrar praticamente todos os elementos de programa em relação com um núcleo, consegue-se uma racionalização de circulações que ajudam, não só na clareza organizacional e vivencial na forma como se percebem os espaços, mas também tem em vista o controlo de custos, evitando-se assim, o desperdício desnecessário de áreas.

A partir dos esquemas representados nas figuras 44 e 45, pretendemos concluir a ideia de organização espacial e formal do projecto.

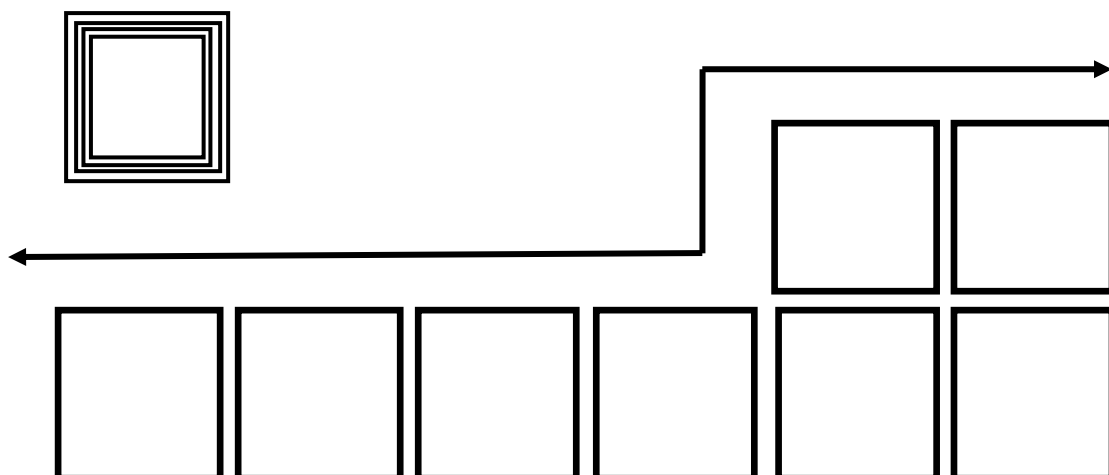


Fig. 44 e 45 - Organização rítmica de módulos volumétricos

Adaptação ao terreno

A extensão do programa e as necessidades de relação entre os factores do mesmo são moldadas às condicionantes do terreno. Permanecendo assim inquietações de afastamentos, alinhamentos, preponderâncias visuais, impacto formal.

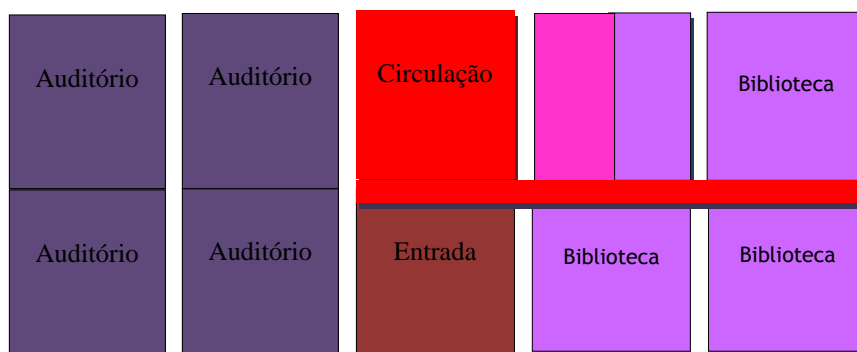


Fig. 46 - Esquema conceptual do piso -1



Fig. 47 - Esquema conceptual do piso 0



Fig. 48 - Esquema conceptual do piso 1

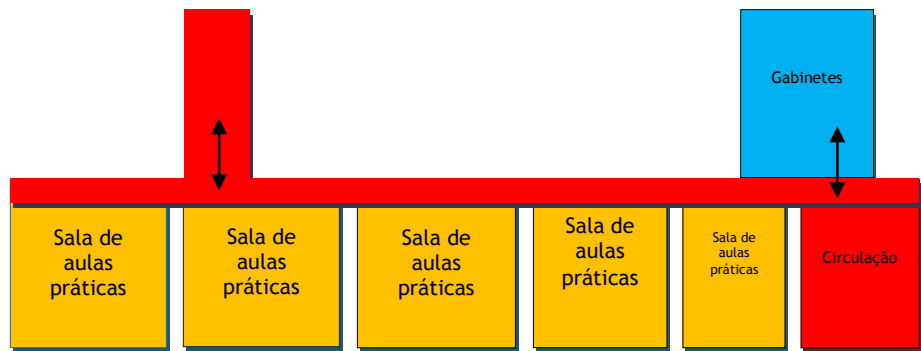


Fig. 49 - Esquema conceptual do piso 2

4.3. Aspectos Formais e Estéticos

A forma é o efeito das relações internas, da adaptação do objecto ao terreno, que resulta das intenções arquitectónicas para o local.

O objectivo é a de criação de um objecto marcante, sem perder escala ou racionalidade. A sua capacidade de atracção visual advém da qualidade formal e da maneira como aborda o terreno, as suas condicionantes e tensões, bem como da materialidade e do gesto que se reflecte em pormenores de interesse particular, criando uma vivência experimental enriquecida e particular.

A forma é a consequência da adaptação racional do sistema programático aos espaços exteriores e advém directamente de uma primeira concentração do programa e das respectivas áreas num volume maciço, que explodiu a partir de um núcleo, expandindo-se pelo terreno, abraçando os espaços vazios, criando vivências interiores e exteriores qualificadas.

A criação de um volume solto no terreno permite uma circulação de perímetro, hierarquizando acessos e percursos, tais como o afastamento aos terrenos e moradias limítrofes, sendo este utilizado para um fim mais técnico, acesso para cargas e descargas ou acessos secundários ao edifício.

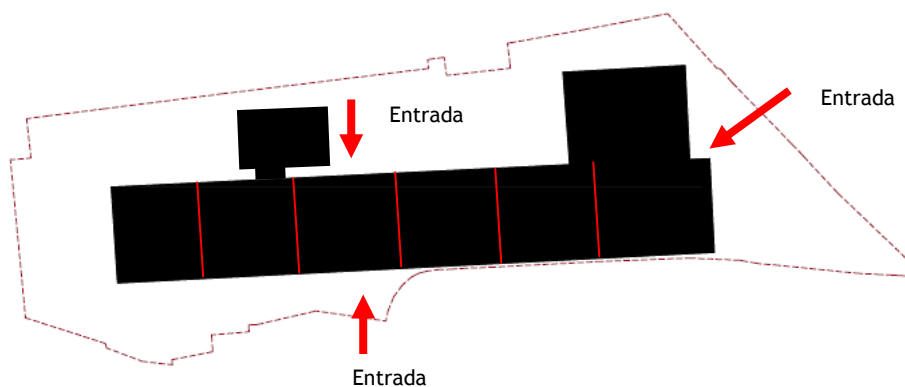


Fig. 49 - Esquema conceptual dos alinhamentos e orientações

Caracterização do programa

Entrada

É, no organigrama funcional proposto, o elemento central da organização distributiva. A esta rótula nuclear, entendida como entrada, elemento de distribuição vertical, estão associados os acessos públicos ao auditório, à zona biblioteca, às instalações sanitárias e à recepção.

Luz

A iluminação provém da chaminé de luz, que cruza os dois pisos, através de aberturas circulares. É numa destas aberturas que se desenham as escadas de acesso ao piso superior. As referidas escadas têm um desenho que acompanha a abertura superior e a luz zenital, torna-se dinâmica, criando assim um percurso de subida, banhado pela luz e por perspectivas variáveis dos amplos espaços de chegada.

Acessibilidade

Conforme o estabelecido no programa, trata-se de uma área comum, de acesso central de pessoas, cujas características permitem o encaminhamento dos alunos de forma simples e clara, desde a recepção até aos restantes espaços de acesso.

Este espaço e todos os outros de circulação, garantem a acessibilidade a pessoas com mobilidade condicionada, já que a cota de entrada no edifício é de nível, bem como a relação com a praça situada no exterior.

Auditório

Foi dada grande importância ao desenho do auditório, tendo em vista a potenciação de usos. É um espaço que pode albergar apresentações públicas de projectos artísticos, para realização de conferências, debates, acções de formação, projecção de som e vídeo e, ainda, para encenações criativas.

Entendeu-se este espaço com características polivalentes, de modo a que nenhuma especificidade técnica ou de desenho de arquitectura fosse condicionante de actividades, mas sim pudesse albergar condições para uma multiplicidade de acções e iniciativas.

O auditório dispõe de uma capacidade de 657 lugares e 10 lugares para pessoas com mobilidade condicionada.

4.4. Questões Técnicas e Construtivas

Em termos de técnicas a concepção preconizada para a Faculdade de Arquitectura assenta numa base de sustentabilidade das soluções a prever, numa perspectiva de racionalização dos meios, materiais e equipamentos a utilizar, durabilidade e minimização da manutenção dos mesmos.

O desenvolvimento do projecto de arquitectura proposto foi amadurecendo, sendo redireccionado, de acordo com as inúmeras exigências regulamentares actuais, sempre mantendo o objectivo global de uma solução arquitectónica arrojada. Esta simbiose permitiu, desde cedo a adopção de soluções, essencialmente, mais duráveis, economicamente viáveis e que fornecessem ao edifício uma melhoria das condições de segurança, habitabilidade e funcionalidade.

Infra-estruturas

As infra-estruturas das especialidades são introduzidas, tendo em atenção o valor patrimonial das construções, e são implementados processos pouco intrusivos.

Estudo de comportamento térmico

Relativamente ao comportamento térmico do edifício, será dada maior ênfase a sistemas passivos de equilíbrio térmico do edifício, nesta medida, serão utilizadas soluções com isolamento térmico exterior sempre que possível, alternando com isolamento interior em zonas de betão “à vista”.

Todos os equipamentos necessários ao correcto comportamento do edifício em termos térmicos serão desenvolvidos em conjunto com as várias especialidades, tentando sempre o melhor equilíbrio possível entre a solução de construção, de isolamento térmico, sombreamento, factor solar de envidraçados, etc; e a utilização de equipamentos com menor potência térmica possível, numa perspectiva de redução de custos de funcionamento do edifício.

Climatização

No que concerne à concepção do sistema de AVAC (Aquecimento Ventilação e Ar Condicionado) e GTC (Gestão Técnica Centralizada), pretende-se implementar sistemas integrados, fiáveis, rentáveis, bem como económica e ambientalmente

sustentáveis, preferencialmente recorrendo a energias renováveis (energia solar, foto voltaicos e geotermia), de forma a garantir a melhor qualidade energética possível para o edifício, bem como garantir boa qualidade de ar interior.

O tipo de equipamentos e localização dos mesmos foram estudados em conjunto com a arquitectura e encontrada a melhor forma de contemplar os equipamentos em localização ideal em termos de funcionamento/rendimento dos mesmos, não à vista; mantendo os princípios formas do edifício, tendo sido para isso criada uma área técnica com localização estratégica e central no edifício e de fácil acesso.

Capítulo 05 | Bibliografia

- A.A.V.V. - **Cadernos Edifícios n.º 2 - Revestimentos de Paredes em Edifícios Antigos**. Lisboa: LNEC, 2002.
- A.A.V.V. - **Cadernos Edifícios n.º 3 - Revestimentos em Edifícios Recentes**. Lisboa: LNEC, 2004.
- A.A.V.V. - **Cadernos Edifícios n.º 4 - Humanização e Vitalização do Espaço Público**. Lisboa: LNEC, 2005.
- A.A.V.V. - **Habitar Portugal 2003/2005**. Lisboa : Ordem dos Arquitectos, 2006.
- A.A.V.V. - **Património Classificado**. [s.l.]: Universidade Católica Portuguesa, 1996.
- A.A.V.V. - **Rehabilitación: Nuevos Conceptos**. Barcelona: Links Books, [s.d.].
- BACHELARD, GASTON - **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKER, Geoffrey H. - **Le Corbusier - Uma Análise da Forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BENEVOLO, Leonardo - **A Cidade e o Arquitecto**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BENEVOLO, Leonardo - **As Origens da Arquitectura**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BRANDI, Cesare - **Teoria da Restauração**. São Paulo: Atelier Editorial, 2004.
- CALVINO, Ítalo - **As Cidades Invisíveis**. Lisboa: Editorial Teorema, 2008.
- CALVINO, Ítalo - **Seis Propostas para o Próximo Milénio**. Lisboa: Editorial Teorema, 2007.
- CHING, Francis - **Arquitectura: Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHOAY, Françoise - **Património e Mundialização**. [s.l.]: Casa do Sul Editora, 2006.
- COIGNET, Jean; COIGNET, Laurent - **Restaurar una Casa Antigua**. Barcelona : Ceac, 2006
- CONSIGLIERI, Victor - **Morfologia da Arquitectura I (1920-1970)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- COSTA, L. Verdelho - **Ernesto Korrodi 1889 -1944: Arquitectura, Ensino e Restauo do Património**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

LOPES, Flávio; BRITO, Miguel - **Património Arquitectónico e Arqueológico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LYNCH, Kevin - **A Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 2007.

MASCARENHAS, Jorge - **Sistemas de Construção - I**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

RODRIGUES, M. J. Madeira - **O Que é Arquitectura**. Lisboa: Quimera, 2002.

ROMANO, José - **Edifícios em Altura: Forma, Estrutura e Tecnologia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

TÁVORA, Fernando - **Da Organização do Espaço**. Porto: FAUP Publicações, 2006.

TOMÉ, Miguel - **Património e Restauro em Portugal (1920-1995)**. Porto: FAUP Publicações, 2002.

Vaz, Domingos M.- **Cidades Médias e Desenvolvimento - O Caso da Cidade da Covilhã**. Covilhã: UBI, 2004

VIOLLET-LE-DUC, Eugene - **Restauração**. São Paulo: Atelier Editorial, 2000.